

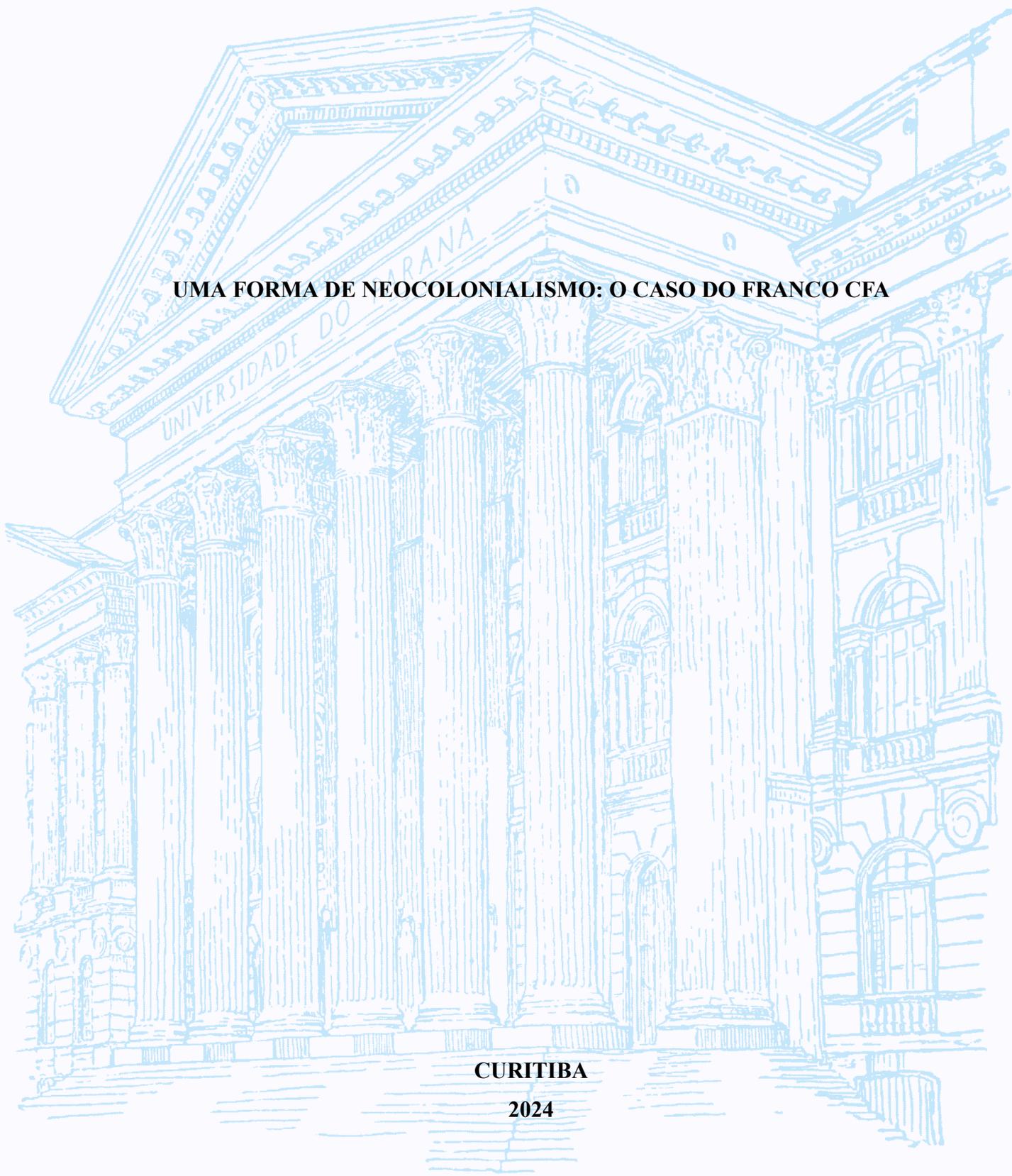
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**NORA NÉNÉLA IBARA OBAT**

**UMA FORMA DE NEOCOLONIALISMO: O CASO DO FRANCO CEA**

**CURITIBA**

**2024**



**NORA NÉNÉLA IBARA OBAT**

**UMA FORMA DE NEOCOLONIALISMO: O CASO FRANCO CFA**

Monografia apresentada ao curso de Direito do Setor das Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Orientadora: Dra. TAYSA SCHIOCCHET

**CURITIBA**

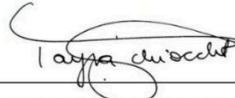
**2024**

TERMO DE APROVAÇÃO

UMA FORMA DE NEOCOLONIALISMO: O CASO DO FRANCO CFA

NORA NENELA IBARA OBAT

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção de Graduação no Curso de Direito, da Faculdade de Direito, Setor de Ciências jurídicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

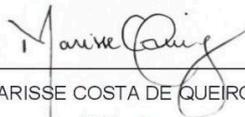


---

Dra. TAYSA SCHIOCCHET  
Orientador

---

Coorientador



---

MARISSE COSTA DE QUEIROZ  
1º Membro



---

FRANCIELLE ELISABET NOGUEIRA LIMA  
2º Membro

“Lobotomisés jusqu’à la monnaie des colonies  
françaises (*CFA*)  
Afrique endettée, les crédits d’la liberté se paient à  
perpet’(*oui*)  
Toujours autant d’amour malgré les pillages, la  
guerre et la mort”

(Même issue - Damso)

## RESUMO

Quem disse conquista de independência, disse emancipação total da tutela precedente. Todavia, não foi o caso de algumas ex-colônias na África no início da década de 1960, suposta década de retomada de domínio total sobre seu país. Isto posto, o fantasma da era colonial continuou através do uso da moeda colonial, a dita franco CFA. De fato, na genèse, a sigla CFA representava literalmente “colônia francesa da África”, criada em 1945. Assim, com a manutenção dessa moeda, a produção de suas notas também foi mantida no mesmo local, a França. Atualmente, os países utilizadores do franco CFA são um grupo de 15 países chamado de “zona franco”. Esses países incluem Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo formando a União Económica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA). E a Comunidade Económica e Monetária da África Central (CEMAC) representada por Camarões, Gabão, o Chade, a Guiné Equatorial, República Centro-Africana e República do Congo. E, por fim, a União das Comores. Essa monografia tem como propósito analisar em profundidade os elementos sociais, jurídicos e políticos da política neocolonialista associada à moeda franco CFA, que perdura há mais de 60 anos em Estados Africanos supostamente independentes. O objetivo desta pesquisa visa explorar as controvérsias jurídicas, sociais e políticas em cerca do papel da moeda franco CFA herdada na era colonial nas relações pós-coloniais. No tocante aos aspectos metodológicos, trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, com objetivo descritivo e uso de técnicas de pesquisa bibliográfica e documental. Isso, com foco especificamente em fontes das realidades dos países da zona do franco, particularmente na África Ocidental, na África Central e na União das Comores, em função do recorte temático e geográfico do objeto da pesquisa. As vozes discordantes, nomeadamente as de personalidades políticas que se opõem ao franco CFA, põem em evidência as questões da soberania, da independência económica e do desenvolvimento dos países que utilizam essa moeda. Por conseguinte, esses fatos permitem oferecer matéria para reflexão sobre eventuais reformas. Este estudo tem como finalidade trazer um contributo significativo para a compreensão das dinâmicas neocoloniais e dos desafios contemporâneos que os países Africanos que utilizam o franco CFA enfrentam. As diferentes partes desta monografia serão estruturadas da seguinte forma: a primeira parte abordará a origem e o mecanismo do franco CFA, destacando os atores implicados na sua criação e os debates em torno do seu funcionamento; a segunda parte se concentrará sobre os efeitos da desvalorização do franco CFA nas economias da zona do franco e as consequências da indexação do franco CFA ao euro após a substituição do franco francês na zona do franco; a terceira parte examinará as razões de questionamento sobre o franco CFA e explorará a viabilidade de uma saída desta moeda para os países que a utilizam, tendo em conta as implicações jurídicas.

**Palavras-chave:** Franco CFA. Neocolonialismo. Política monetária. Soberania. Independência econômica. Direito.

## RÉSUMÉ

Qui dit conquête de l'indépendance, dit émancipation totale de la tutelle précédente. Cependant, ce ne fut pas le cas de certaines anciennes colonies d'Afrique au début des années 1960, supposée décennie de reprise de la domination totale dans leurs pays. Cela dit, le fantôme de l'ère coloniale a persisté à travers l'utilisation de la monnaie coloniale, dite le « franc CFA ». En effet, dans la genèse, le sigle CFA représentait littéralement « colonie française d'Afrique », créée en 1945. Ainsi, avec le maintien de cette devise, la production de ses billets a également été maintenue dans le même lieu, la France. Actuellement, les pays utilisant le franc CFA sont un groupe de 15 pays appelé « zone franc ». Ces pays comprennent le Bénin, le Burkina Faso, la Côte d'Ivoire, la Guinée-Bissau, le Mali, le Niger, le Sénégal et le Togo, formant l'Union Économique et Monétaire Ouest-Africaine (UEMOA). Et la Communauté Économique et Monétaire de l'Afrique Centrale (CEMAC) représentée par le Cameroun, le Gabon, le Tchad, la Guinée équatoriale, la République Centrafricaine et la République du Congo. Et enfin, l'Union des Comores. Ce mémoire a pour but d'analyser en profondeur les éléments sociaux, juridiques et politiques de la politique néocolonialiste associée au franc CFA qui existe depuis plus de 60 ans dans des États Africains prétendument indépendants. L'objet de cette recherche vise à explorer les controverses juridiques, sociales et politiques autour du rôle de cette monnaie héritée de l'ère coloniale dans les relations postcoloniales. En ce qui concerne les aspects méthodologiques, il s'agit d'une recherche de nature qualitative, avec un objectif descriptif et l'utilisation de technique de recherche bibliographique et documentaire. Cela, en se concentrant spécifiquement sur des sources liées aux réalités des pays de la zone franc, plus précisément en Afrique de l'Ouest, en Afrique Centrale et dans l'Union des Comores, en fonction du découpage thématique et géographique de l'objet de recherche. Les voix discordantes, notamment celles des personnalités politiques qui s'opposent au franc CFA, mettent en évidence les questions de souveraineté, d'indépendance économique et de développement des pays qui utilisent cette devise. Par conséquent, ces faits permettent d'offrir matière à réflexion pour d'éventuelles réformes. Cette étude a pour finalité d'apporter une contribution significative à la compréhension des dynamiques néocoloniales et des défis contemporains auxquels les pays Africains utilisant cette monnaie sont confrontés. Les différentes parties de ce mémoire seront structurées comme suit: la première partie abordera l'origine et le mécanisme du franc CFA, mettant en avant les acteurs impliqués dans sa création et les débats entourant son fonctionnement; la deuxième partie s'intéressera aux effets de la dévaluation du franc CFA sur les économies de la zone franc et aux conséquences de l'arrimage du franc CFA à l'euro après le remplacement du franc français dans la zone franc; La troisième partie examinera les raisons de la remise en question du franc CFA et explorera la viabilité d'une sortie de cette monnaie pour les pays qui l'utilisent, en tenant compte des implications juridiques.

**Mots-clés:** Franc CFA. Néocolonialisme. Politique Monétaire. Souveraineté. Indépendance Économique. Droit.

## ABSTRACT

Who says conquest of independence, says total emancipation from the previous tutelage. However, this was not the case for some former colonies of Africa in the early 1960s, the supposed decade of resumption of total domination in their countries. That said, the ghost of the colonial era persisted through the use of the colonial currency, called the "CFA franc". Indeed, in the genesis, the acronym CFA literally represented "French colony of Africa", created in 1945. Thus, with the maintenance of this currency, the production of its banknotes has also been maintained in the same place, France. Currently, the countries using the CFA franc are a group of 15 countries called "franc zone". These countries include Benin, Burkina Faso, Ivory Coast, Guinea-Bissau, Mali, Niger, Senegal and Togo, forming the West African Economic and Monetary Union (WAEMU). And the Economic and Monetary Community of Central Africa (CEMAC) represented by Cameroon, Gabon, Chad, Equatorial Guinea, the Central African Republic and the Republic of Congo. And finally, the Union of the Comoros. The purpose of this monograph is to analyze in depth the social, legal and political elements of the neocolonialist policy associated with the CFA franc, which has existed for more than 60 years in supposedly independent African states. The object of this research aims to explore the legal, social and political controversies surrounding the role of this currency inherited from the colonial era in postcolonial relations. Regarding the methodological aspects, this is qualitative research, with a descriptive objective and the use of bibliographic and documentary research techniques. This, by focusing specifically on sources related to the realities of the countries of the franc zone, more precisely in West Africa, Central Africa and the Union of the Comoros, according to the thematic and geographical division of the research object. The discordant voices, in particular those of political figures who oppose the CFA franc, highlight the issues of sovereignty, economic independence and development of the countries that use this currency. Therefore, these facts provide food for thought for possible reforms. This study aims to make a significant contribution to the understanding of neocolonial dynamics and contemporary challenges that African countries using this currency face. The different parts of this monograph will be structured as follows: the first part will address the origin and mechanism of the CFA franc, highlighting the actors involved in its creation and the debates surrounding its operation; the second part will focus on the effects of the devaluation of the CFA franc on the economies of the franc zone and the consequences of the pegging of the CFA franc to the euro after the replacement of the french franc; the third part will examine the reasons for the questioning of the CFA franc and explore the viability of an exit from this currency for the countries that use it, taking into account the legal implications.

**Keywords:** CFA Franc. Neocolonialism. Monetary Policy. Sovereignty. Economic Independence. Law.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 O FRANCO CFA: GÊNESE E FUNCIONAMENTO ECONÔMICO</b>	<b>9</b>
<b>2.1. A Origem Colonial do Franco CFA: Impacto e Implicações</b>	<b>9</b>
<b>2.2. O funcionamento do Franco CFA: Análise do Mecanismo de Dependência Monetária</b>	<b>15</b>
<b>2.3. Análise de Vantagens e desvantagens do franco CFA: Impactos na Zona do Franco e na França</b>	<b>22</b>
<b>3 A DESVALORIZAÇÃO DO FRANCO CFA E SUA TRANSIÇÃO PARA O EURO</b>	<b>24</b>
<b>3.1. Efeitos da Desvalorização nas Economias da Zona do Franco: Análise das Consequências Econômicas</b>	<b>24</b>
<b>3.2. As Consequências do Atramento do Franco CFA ao Euro após a Substituição do Franco francês na zona do Franco: Uma Análise Aprofundada dos Novos Desafios Econômicos</b>	<b>25</b>
<b>4 TERMO DO FRANCO CFA</b>	<b>26</b>
<b>4.1. Razões de questionamentos</b>	<b>26</b>
<b>4.2. Uma saída do Franco CFA economicamente viável</b>	<b>28</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No centro deste estudo está a questão central do impacto do Franco CFA como instrumento econômico herdado do passado colonial e do seu suposto papel na manutenção dos laços neocoloniais. Desta maneira, o propósito desta pesquisa tem como objetivo explorar as controvérsias jurídicas, sociais e políticas em cerca do papel da moeda franco CFA herdada na era colonial nas relações pós-coloniais. Esta monografia insere-se numa abordagem multidisciplinar, combinando aspectos sociais, jurídicos e políticos para uma análise completa do neocolonialismo monetário e das suas repercussões nos países Africanos em causa. Ao contextualizar o problema de investigação na literatura existente e definir claramente os objectivos do estudo, esta investigação pretende dar um contributo significativo para a compreensão das complexas questões que rodeiam o Franco CFA e a sua relação com o neocolonialismo, nomeadamente do ponto de vista jurídico. Para alcançar o objetivo de nossa monografia de maneira eficaz, este se baseará numa metodologia orientada numa pesquisa de natureza qualitativa, com objetivo descritivo e uso de técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, com foco especificamente em fontes das realidades dos países da zona franco, particularmente na África Ocidental, Na África Central e na União das Comores, em função do recorte temático e geográfico do objeto da pesquisa.

O alcance da independência no continente Africano chegou como uma vaga na década de 1960 para diversos países, incluindo as ex-colônias francesas. No entanto, no que toca a estes últimos, esse alcance não coincidiu com a emancipação total, uma vez que na esfera econômica, política, social e jurídica persistiu a tutela que deveria ser extinta na proclamação de independência. Isto é, esse mantenho se possibilitou através de estratégias ditos de “acordos de cooperação econômica”, enquanto foi um ato enganador para sempre ter o controle, como era antes, mas de maneira oculta; todavia, não para todos. Isto posto, são vários que perceberam essa armadilha e que quiseram se livrar dela o mais rápido possível.

O uso do Franco CFA nas antigas colônias africanas é um tema central nas relações pós-coloniais entre a França e suas ex-colônias, mas, embora de grande relevância, é pouco discutido no cenário público. A questão do franco CFA envolve aspectos essenciais de soberania monetária e independência econômica, refletindo diretamente sobre a capacidade de autossuficiência econômica dos países africanos que o adotam. Este problema é especialmente importante, pois as decisões relacionadas ao franco CFA têm um impacto direto nas condições de vida das populações dessas nações, afetando sua autonomia econômica e suas perspectivas de desenvolvimento.

Não é comum milhões de pessoas depender de uma moeda produzida fora de seu território nacional. É a se perguntar o que pode acontecer caso o país produtor dessa moeda não consiga assegurar seu papel. Isso significa que milhões de pessoas vão se encontrar numa situação difícil. Inicialmente, a sigla CFA designava “colônia francesa da África”, criada em 1945. Com o passar do tempo, esse acrônimo foi alterado para “cooperação financeira”. Contudo, o sistema de funcionamento permaneceu igual, exceto algumas reformas monetárias feitas no propósito de atenuar a exploração econômica e também, achar uma saída desse sistema. No contexto da literatura existente, o franco CFA tem gerado debates e controvérsias ao longo do tempo, particularmente devido às oposições expressas por algumas figuras políticas influentes. Estas vozes dissidentes questionaram o funcionamento e a legitimidade desta moeda comum no contexto pós-colonial da África, destacando assim as ambiguidades e questões que rodeiam o Franco CFA, incluindo as suas implicações jurídicas. Assim sendo, vamos aprofundar mais esse aspecto na nossa primeira parte.

Na segunda parte de nosso trabalho, mergulharemos na análise da desvalorização do franco CFA, um acontecimento importante que marcou profundamente a evolução do sistema monetário da Zona Franco. Exploraremos as circunstâncias que rodearam esta desvalorização, os seus objetivos iniciais e as suas consequências econômicas nos países membros da zona do franco. Ao examinar de perto as reações dos intervenientes locais e internacionais a esta medida, pretendemos oferecer uma perspectiva crítica e matizada sobre as implicações da desvalorização do franco CFA na competitividade e estabilidade econômica na região. Destacaremos as questões econômicas e políticas decorrentes desta desvalorização e analisaremos os seus impactos, tanto a curto como a longo prazo, nas economias dos países da zona do franco.

Na terceira parte da nossa pesquisa concentrar-nos-emos no prazo do franco CFA e na sua transição para uma nova fase monetária. Com a introdução do euro na zona do franco, o cenário monetário sofreu grandes convulsões, marcando uma nova etapa na história desta união monetária. Exploraremos os ajustes e mudanças institucionais que ocorreram com esta transição, destacando os desafios e oportunidades que ela criou para os países membros da zona do franco. Ao analisar as dinâmicas políticas, econômicas e socioculturais ligadas a este desenvolvimento, procuraremos compreender as implicações profundas desta mudança monetária na governação econômica, na soberania nacional e nas relações internacionais dentro da Zona Franco.

## 2 O FRANCO CFA: GÊNESE E FUNCIONAMENTO ECONÔMICO

### 2.1. A Origem Colonial do Franco CFA: Impacto e Implicações

Abordaremos essa parte de maneira cronológica para o melhor entendimento dessa moeda, isto é, a criação e o mecanismo da zona franco<sup>1</sup>. Em seguida, as vantagens e desvantagens do uso do franco CFA pela zona do franco e para a França.

Em 1939, o franco francês era a moeda circulante entre a maioria das colônias francesas e especialmente em todas as colônias francesas da África. Assim sendo, foi nesse ano que pela primeira vez foi mencionado a zona franco através dos decretos do 28 de Agosto e dos 1 e 9 Setembro que estabeleceram medidas rigorosas de controle cambial entre a França e suas colônias de um lado, e o restante do mundo por outro, com o propósito de se salvaguardar contra desequilíbrios estruturais na economia durante o período de guerra. No entanto, a segunda guerra mundial ocasionou a ruptura dessa unidade monetária. Nos territórios franceses controlados pelo regime Vichy<sup>2</sup>, o franco francês<sup>3</sup> ligado ao Marco alemão<sup>4</sup> se desvalorizava com uma grande inflação. Ao invés das colônias ligadas à França livre<sup>5</sup> que beneficiam da manutenção da paridade antiga do franco garantido pelo Banco de Inglaterra. No final da guerra, o aumento dos preços em relação a 1939 foram diferentes de acordo com os territórios. Em outras palavras, mudou de 2,5 a 5 vezes. (O nascimento do franco CFA, s.d).

Tudo começou em 1945, no dia 25, com o Decreto n.º 45-0136, assinado pelo Presidente do governo provisório Francês, o denominado General de Gaulle, o Ministro das Finanças, René Pleven e o Ministro das Colônias, Jacques Soustelle. Esse último, deu nascimento ao Franco das Colônias Francesas da África (FCFA) com o art. 1 do decreto n.º 45-0136<sup>6</sup> como o segue:

---

<sup>1</sup> Zona económica que usa o FCFA como moeda

<sup>2</sup> Governo francês criado em 1940, durante a ocupação do país para o terceiro Reich. O regime foi criado sob a liderança do marechal Philippe Pétain e estava baseado em Vichy, uma cidade localizada no centro da França. O regime controlou a França até 20 Agosto de 1944. Os territórios controlados pelo regime de Vichy incluíam a França metropolitana, bem como colônias francesas na África e na Ásia.

<sup>3</sup> Moeda usada na França do 5 de Dezembro de 1360 ao 31 de Dezembro de 2001.

<sup>4</sup> Moeda usada na Alemanha de Junho 1948 ao 31 Dezembro 2001.

<sup>5</sup> Regime de resistência exterior fundada em Londres pelo General De Gaulle em 1940 para combater os invasores.

<sup>6</sup> FRANÇA. Artigo 1, Decreto n.º 45-0136, 26 Dezembro 1945. Decreto n.º 45-0136 do 26 Dezembro 1945 relativo aos territórios ultramarinos. Diário Oficial da República Francesa. Paris, n.º 305, p.8582, 26 dez. 1945.

A partir de 26 de Dezembro de 1945, inclusive, as moedas, denominadas em francos, dos seguintes territórios ultramarinos: África Ocidental Francesa, África Equatorial Francesa, Camarões, Togo, Costa Somali Francesa, Madagáscar, Reunião, têm uma paridade de 100 F destes territórios para 170 F. Estas moedas constituem o grupo de francos das colônias francesas na África (francos C.F.A.). (Decreto n.º 45-0136, art.1, 1945, p.8582).<sup>7</sup>

Portanto, o nascimento do Franco CFA coincidiu com a implantação de um novo sistema monetário, resultante dos denominados acordos de Bretons Woods, assinados nos Estados Unidos da América em Julho de 1944 por 44 países<sup>8</sup>. Estes acordos reforçaram a influência dos Estados Unidos da América no cenário global, conduzindo à criação de novas instituições supranacionais sediadas em Washington: O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento. (IKIEMI, 2010, p.18-19)

Os acordos de Bretons Woods estabeleceram um sistema de taxas de câmbio fixas, vinculando todas as moedas ao ouro, com o dólar americano como única moeda convertível em ouro. Desta forma, foi abandonado o padrão-ouro e surgiu um novo sistema monetário chamado o Gold-Exchange Standard, baseado no dólar americano, onde todas as moedas eram definidas em relação a esta. Consequentemente, exclusivamente o dólar era definido em ouro, isto posto que as outras moedas não poderiam ser diretamente convertidas em ouro, mas apenas em dólares americanos, que poderiam, posteriormente, ser convertidos em ouro. Deste modo, a fixação ao ouro, com base em 35 dólares americanos por onça de ouro, pressupunha a manutenção do valor “real” da moeda dos Estados Unidos da América, evitando flutuações incontrolláveis. No dia seguinte, em 26 de Dezembro de 1945, a França ratificou os acordos de Bretons Woods, ajustando a paridade do franco francês em relação ao dólar americano: um dólar passou a ser trocado por 119,10 francos francês — contra 49,06 francos francês anteriormente. Simultaneamente, a paridade do FCFA foi estabelecida, consolidando seu status oficial no sistema monetário internacional com 1 FCFA equivalente a 1,70 FF e 85 FCFA para 1 dólar americano. (PIGEAUD E NDONGO SAMBA, 2018, p.25)

Essa paridade ficou mantida até 1948 quando o franco francês foi desvalorizado, assim sendo, 1 FCA se tornou equivalente a 2 franco francês. E, a partir desse momento, essa paridade foi mantida até 1994. Posteriormente, em 1958, o franco CFA foi rebatizado e herdou o nome de “franco da Comunidade Francesa da África”. Após a conquista das

---

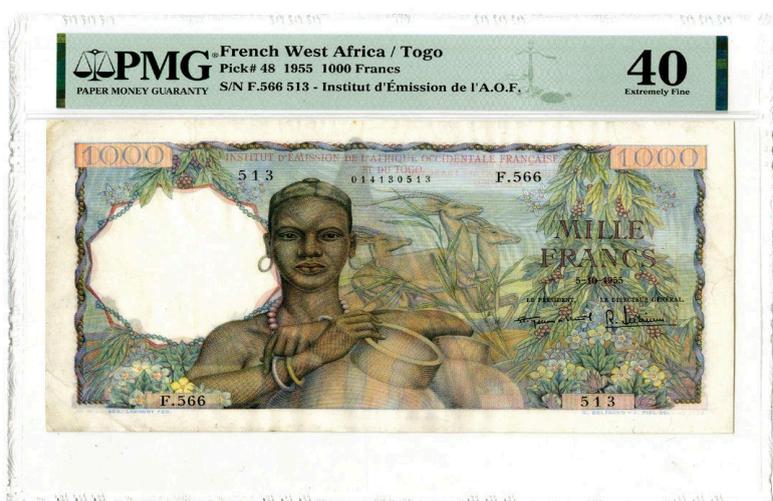
<sup>7</sup> “*A compter du 26 Décembre 1945 inclus, les monnaies, libellés en francs, des territoires d'outre mer suivants : Afrique occidentale française, Afrique équatoriale française, Cameroun, Togo, Côte française des Somalis, Madagascar, la Réunion, ont une parité de 100 F de ces territoires pour 170 F. Ces monnaies constituent le groupe des francs des colonies françaises d'Afrique (francs C. F. A.).*”

<sup>8</sup> Acordos econômicos com propósito de criação de um novo sistema monetário e a promoção da reconstrução e o desenvolvimento econômico dos países afetados pela guerra.

independências, ele foi renomeado para “o franco da Cooperação Financeira na África Central” na África Central e “franco da Comunidade Financeira da África Ocidental” na África Ocidental. Em seguida, em 1959, foi fundado o Banco Central dos Estados da África Ocidental (BCEAO), substituindo o Instituto de Emissão da África Ocidental Francesa e do Togo (IEAOFT)<sup>9</sup> que tinha por papel a emissão da moeda desta zona, mantendo sua sede em Paris. Similarmente, o Instituto de Emissão da África Equatorial e do Camarões (IEAC)<sup>10</sup>, cedeu o lugar ao Banco Central dos Estados da África Equatorial e dos Camarões (BCEAEC) continuando também com sua sede em Paris.

A seguir, apresenta-se um breve histórico das ilustrações dessas moedas.

**Figura 1** - Nota de 1 000 FCFA emitida em 1955 pelo IEAOFT



Fonte: [collector.com](http://collector.com)

**Figura 2** - Nota de 1 000 FCFA emitida em 195 pelo IEAC



Fonte: [Mewok](http://Mewok)

O processo de descolonização dos países da zona franco aconteceu pela maioria no final dos anos 50 até o início dos anos 60. Em 1960, os ex-territórios da África Equatorial Francesa e do Camarões conquistaram a independência. Contudo, sem emancipação total, ficando ligado com acordos de cooperação no tocante a supervisão de matérias primas, mercados exteriores, educação, relações exteriores, moeda, entre outros. Assim sendo, acordos de cooperação foram assinados, todavia, não considerando a soberania desses países, pois a venda das matérias primas ficou condicionada ao consentimento do governo francês. Outrossim, a saída da zona franco era impossibilitada por vários fatores e as reservas cambiais

<sup>9</sup> Organismo intergovernamental com sede em Paris, criado em 1955 para assumir o papel de Banco Central nas colônias francesas da África Ocidental e do Togo.

<sup>10</sup> Organismo intergovernamental com sede em Paris, criado em 1955 para assumir a missão de Banco Central nas colônias francesas da África Equatorial e dos Camarões.

eram centralizadas em Paris. (Uma história do franco cfa, 2023)

Os novos Estados independentes foram: Camarões; a República Centro-Africana, a República do Congo e o Gabão. E, o franco CFA permaneceu a moeda desses Estados, assim como o Banco Central dos Estados da África Equatorial e do Camarões (BCEAEC) permaneceu como o banco deles. Similarmente, os ex-territórios da África Ocidental Francesa e o Togo conquistaram a independência. A Guiné Conakry foi o primeiro Estado a conquistar a independência em 1958 e a sair da zona franco para criar sua moeda própria chamada de franco-guineano, o dia 1º de Março de 1962, sob o regime do seu primeiro presidente, Ahmed Sékou Touré, no propósito de romper com a origem neocolonialista do franco CFA. O resto foram: o Senegal, o Togo, o Benin, o Níger, o Burkina Faso, a Costa do Marfim, e o Mali. Estes ficaram com o franco CFA como moeda e o BCEAO como banco.

No dia 1º de Julho de 1962, o Mali, sob o regime de seu primeiro presidente, Modibo Keita, criou sua moeda própria, dita franco-maliano para substituir o franco CFA e deixou a zona do franco, apontando sua essência neocolonial.

Seguindo a mesma lógica, o primeiro presidente do Togo, Sylvanus Olympio, no dia 12 de Dezembro de 1962, fez aprovar a lei nº 62-20<sup>11</sup> relativa à criação de um Banco Central do Togo e aprovando seus estatutos:

A Assembleia Nacional deliberou e aprovou, o Presidente da República promulga a lei cujo o conteúdo segue:

Art. 1º. – É criada uma instituição pública nacional dotada de personalidade jurídica e autonomia financeira, denominada “Banco Central do Togo”. O serviço de emissão no Togo será prestado pelo Banco Central do Togo.

Art. 2º – A moeda legal do Togo é o franco togolês.

Art. 3º – O Governo é habilitado a tomar todas as medidas transitórias necessárias. Para o efeito, poderá, nomeadamente, negociar e assinar qualquer acordo útil com o Banco Central dos Estados da África Ocidental e as autoridades da zona do franco. O período transitório terminará na data de retirada das notas e moedas emitidas antes da entrada em vigor desta lei. (LEI nº 62-20, 1962) <sup>12</sup>

De acordo com (TÊTÊVI GODWIN, 2017, p.4-5), ao fazer aprovar essa lei, Olympio desejava romper a ligação com o franco CFA, percebido como um instrumento de dominação

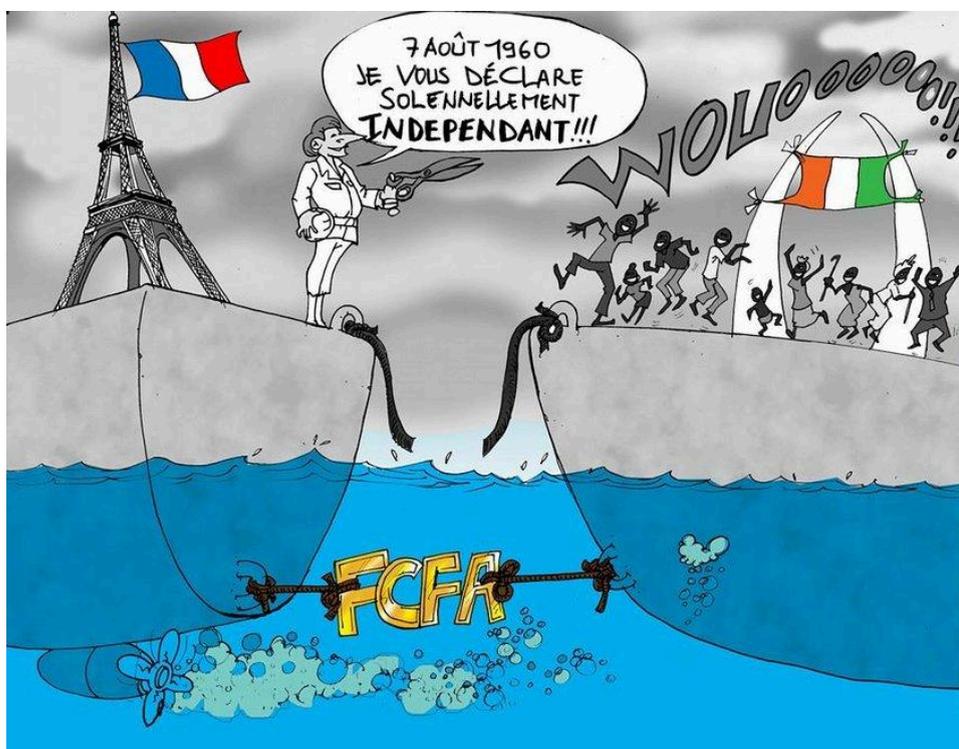
<sup>11</sup> TOGO. Lei n.º 62-20, 12 de Dezembro 1962. Lei n.º 62-20 relativo a criação de um Banco Central do Togo e aprovando seus estatutos. Diário Oficial da República do Togo. Togo 12 dez. 1962.

<sup>12</sup> “L’Assemblée nationale a délibéré et adopté, le président de la République promulgue la loi dont la teneur suit : Article premier. – Il est créé un établissement public national doté de la personnalité civile et de l’autonomie financière dénommé « Banque centrale du Togo ». Le service de l’émission au Togo sera assuré par la Banque centrale du Togo. Art. 2 – La monnaie légale du Togo est le franc togolais. Art. 3 – Le Gouvernement est habilité à prendre toutes les mesures transitoires nécessaires. À cet effet, il peut notamment négocier et signer tout accord utile avec la Banque Centrale des Etats de l’Afrique de l’Ouest et les autorités de la zone franc. La période transitoire prendra fin à la date de retrait des billets et monnaies émis avant l’entrée en vigueur de la présente loi.”

política e econômica sobre os países da zona franco e estabelecer uma moeda nacional para seu país. Infelizmente, apenas um mês após da promulgação desta lei, ele foi assassinado no dia 13 de Janeiro de 1963, na frente da Embaixada dos Estados Unidos da América de Lomé, durante o golpe de Estado de Gnassingbé Eyadema<sup>13</sup>, somente alguns dias antes de concretizar a emancipação monetária de seu país.

No dia 12 de Maio de 1963, a União Monetária da África Ocidental (UMOA) foi fundada pelos países membros da do franco da África Ocidental. E da mesma forma, os países membros da zona franco da África Central criaram a Comunidade Económica e Monetária da África Central (CEMAC) no dia 16 Março de 1994. No entanto, é importante destacar que o desaparecimento do império com a conquista da independência desses países, não garantiu o rompimento dessa política monetária, pois permaneceu igual. Em outras palavras, a miragem nasceu da alteração da significação deste acrônimo, para uma adaptação dita de cooperação financeira enquanto a realidade era ocultada sob esse significado. Efetivamente, o autor Marfinense Yapsy, ilustrou com êxito essa situação através de sua caricatura abaixo que representa a perpetuação da dependência econômica das ex-colônias francesas da África.

**Figura 3** - Caricatura do mecanismo do franco CFA



Fonte: [ResearchGate](#)

<sup>13</sup> Terceiro presidente do Togo.

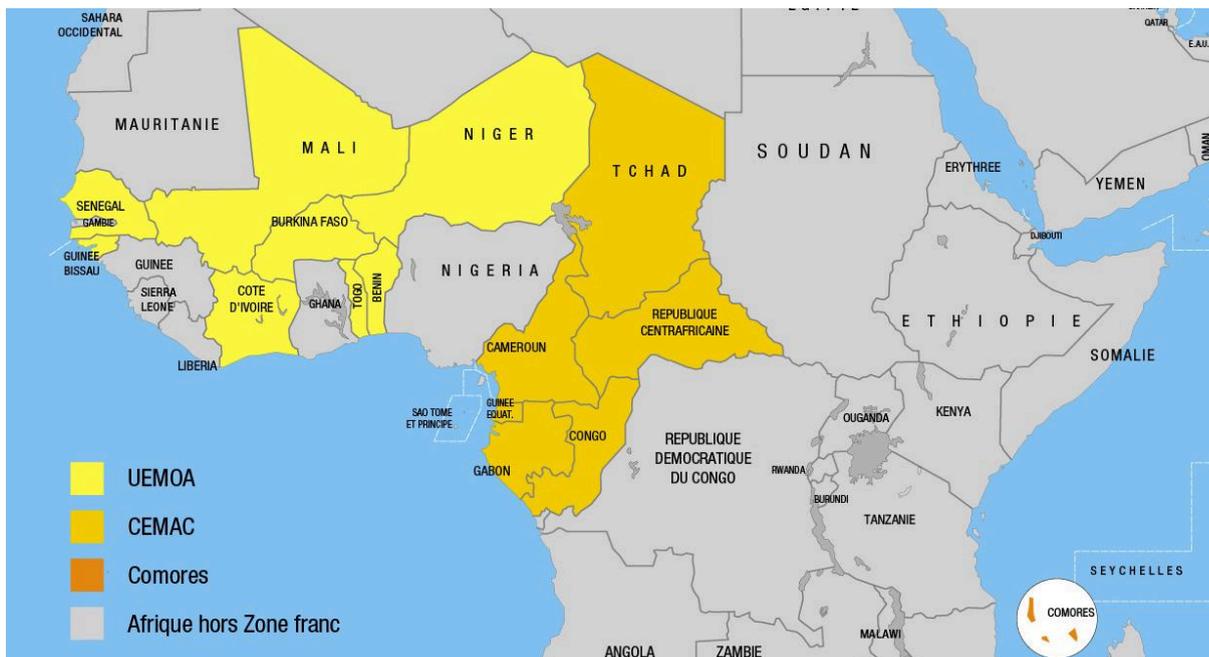
Três ditos acordos monetários fundamentais ligam a zona franco e a França, eles foram firmados na década de 1970: A convenção de cooperação monetária entre os Estados membros do Banco dos Estados da África Central (BEAC) e a República Francesa do 23 de Novembro de 1972; O acordo de cooperação monetária entre a República Francesa e as Repúblicas membros da União Monetária da África Ocidental do dia 4 de Dezembro de 1973 (A Mauritânia e o Madagascar não assinaram e saíram da zona franco. Além disso, o Madagascar passou a criar sua moeda própria); e o Acordo de Cooperação Monetária entre a República Francesa e a República Federal Islâmica das Comores, do 23 de Novembro de 1979, marcando a inclusão da União dos Comores na zona franco. A partir desse momento, a paridade entre o franco francês (FRF) e o franco comoriano (KMF) foi fixada por 1 FRF equivalente a 50 FKM.

No mesmo ano, a UMOA estabeleceu o Banco de Desenvolvimento da África Ocidental (BOAD), a fim de estimular o crescimento econômico. Consoante a isso, a CEMAC criou, no dia 03 de Dezembro de 1975, o Banco de Desenvolvimento dos Estados da África Central (BDEAC), para garantir o financiamento dos países membros da CEMAC. Dois anos depois, em julho de 1977, a sede da BEAC foi transferida em Yaoundé, no Camarões e em seguida, em Maio de 1979, a sede da BCEAO foi transferida para Dakar, no Senegal. Subsequentemente, em 1984, o Mali reintegrou a zona franco e, no ano seguinte, em 1985, a Guiné Equatorial integrou a zona franco. (IKIEMI, 2010, p.20).

## **2.2. O funcionamento do Franco CFA: Análise do Mecanismo de Dependência Monetária**

O Franco CFA é usado em quinze países da África, formando a zona franco. Essa zona é subdividida em três zonas monetárias: A Comunidade Económica e Monetária da África Central (CEMAC), compreendendo o Camarões, o Gabão, o Chade, a Equatorial Guinea República Centro-Africana e a República do Congo; a União Económica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA), incluindo o Benin, o Mali, o Burkina Faso, a Costa do Marfim, a Guiné-Bissau, o Níger, o Senegal e o Togo; e a União das Comores.

**Figura 4 - As três zonas monetárias**



Fonte: [Ministère de l'Économie, des Finances et de la Souveraineté Industrielle et Numérique Français.](#)

A impressão das notas do franco CFA são realizadas exclusivamente na impressora do Banco Central de França, situada na cidade de Chamalieres, no departamento de Puy-de-Dôme, na região de Auvergne-Rhône-Alpes, no centro da França. Após a emissão das notas na França, elas são transferidas nos Bancos Centrais de cada zona monetária da zona do franco. Em seguida, os Bancos Centrais se responsabilizam a emitir oficialmente as moedas.

De fato, cada zona possui um Banco Central próprio: O Banco dos Estados da África Central (BEAC) para a CEMAC; o Banco Central dos Estados da África Ocidental (BCEAO) para a UEMOA e o Banco Central dos Comores (BCC) para a União dos Comores, usando o franco-comoriano (FKM). O BCEAO, criado em 1959, é sediado em Dakar, no Senegal, hoje em dia. Ele, como principal instituição monetária da UEMOA, tem como missões a implementação da política monetária da UEMOA, a emissão monetária do Franco CFA (XOF)<sup>14</sup>, a fixação de taxas de juros, a gestão e o controle das reservas cambiais e da dívida externa, a legislação bancária e financeira dos Estados membros da União e a assistência aos Estados membros da União em suas relações com as instituições financeiras e monetárias internacionais. Quanto ao BEAC, criado em 1972, é localizado em Yaoundé, no Camarões atualmente. Ele, como principal instituição monetária da CEMAC, tem como responsabilidades estabelecer e implementar a política monetária da CEMAC, emitir a sua

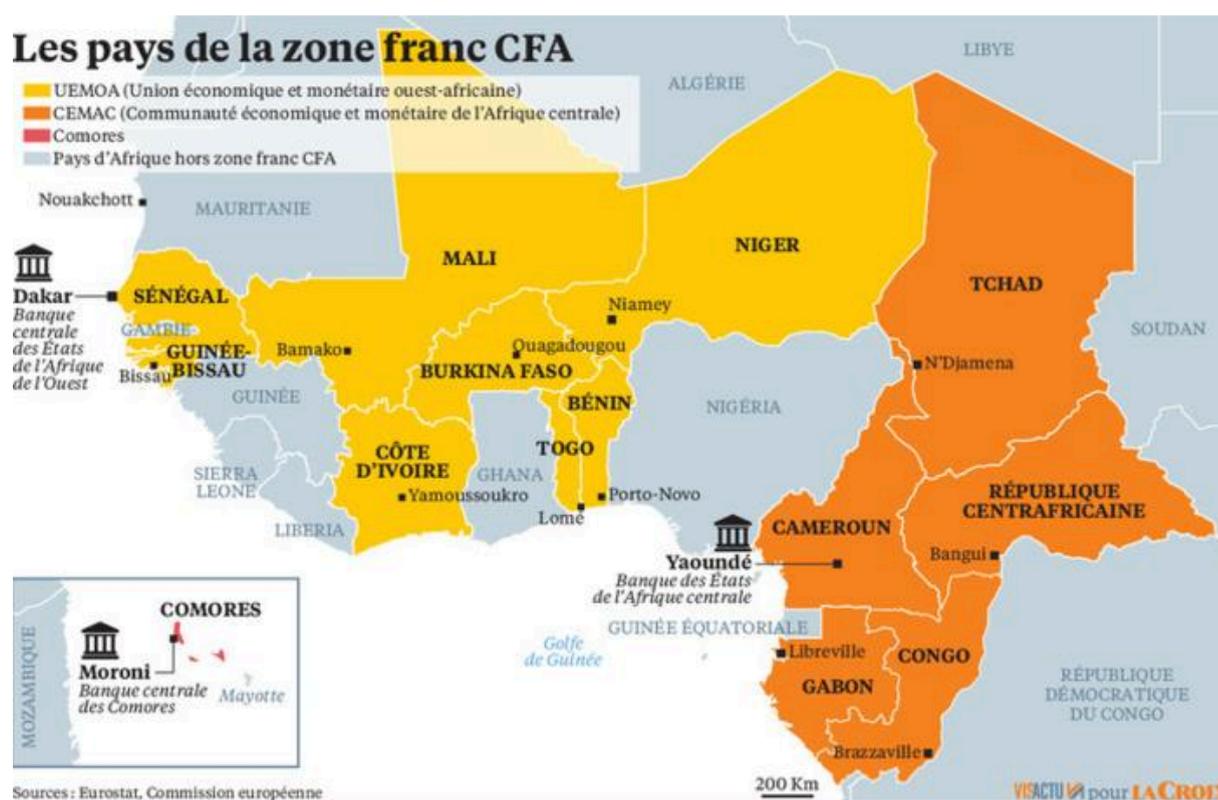
<sup>14</sup> Moeda própria da zona UEMOA

moeda física — cédulas de banco e moedas em francos CFA (XAF)<sup>15</sup>—, gerenciar a política de câmbio, manter e administrar as reservas cambiais dos seus Estados membros, promover o adequado funcionamento dos sistemas de pagamento e fortalecer a estabilidade financeira.

No que tange ao BCC, fundado em 1980, situa-se em Moroni, nos Comores. Sendo a principal instituição monetária das União dos Comores, tem como missão definir e implementar a política monetária, emitir a sua moeda, o franco comoriano (FKM)<sup>16</sup>, gestiona suas reservas cambiais e garante a estabilidade da sua moeda.

PIGEAUD e NDONGO SAMBA<sup>17</sup>, ressaltaram que embora o funcionamento dos XAF e do XOF tenham o mesmo modo operatório, a mesma vinculação com o Euro e a mesma taxa de câmbio, a intercambiabilidade da moeda respectiva dessas zonas é impossível. Sendo assim, para obter um XAF em troca de um XOF ou vice-versa, o uso do euro é essencial para realizar a troca, ou seja, precisa em primeiro lugar, trocar uma delas em euro para depois poder ter ela na outra moeda.

Figura 5 - O Bancos Centrais das zona franco



Fonte: [leral.net](http://leral.net)

<sup>15</sup> Moeda própria da zona CEMAC

<sup>16</sup> Moeda própria da União dos Comores

<sup>17</sup> PIGEAUD, Fanny; NDONGO SAMBA, Sylla. A arma invisível da FrançÁfrica. Uma história do franco CFA. Paris: La découverte. 2018. p.39

Quatros princípios fundamentais regem a cooperação monetária entre a zona franco e a França. Em primeiro lugar, temos a garantia de conversibilidade ilimitada do franco CFA e do franco comoriano em euros assegurado pelo Tesouro Francês. Na obra intitulada a arma invisível da FrançÁfrica : Uma História do franco CFA, os autores, PIGEAUD e NDONGO SAMBA trouxeram uma explicação detalhada sobre o assunto:

A convertibilidade ilimitada, o terceiro princípio de funcionamento da zona do franco, significa que é possível trocar francos CFA e comorianos contra a moeda francesa (franco e depois euro) sem restrições. Essa conversibilidade ilimitada é assegurada pelo Tesouro francês: através dos acordos monetários que fez com as autoridades africanas, ele comprometeu-se a emprestar tanto dinheiro quanto necessário aos bancos centrais da zona franca no caso onde os seus ativos externos se esgotarem. O objectivo: garantir que os bancos centrais nunca fiquem sem moedas estrangeiras e possam liquidar pagamentos externos ou transações cambiais diariamente, mas também garantir que a liberdade de transferência nunca seja restringida dentro da zona do franco. ((PIGEAUD E NDONGO SAMBA, 2018, p.39)

Isto quer dizer que o compromisso do Tesouro francês de garantir a conversão ilimitada das moedas da zona do franco em euros ou outras moedas estrangeiras é de importância crucial no funcionamento do sistema monetário. Esta garantia de conversão ilimitada proporciona garantias aos países da zona do franco quanto à sua capacidade de realizar transações internacionais sem restrições cambiais excessivas. Desta forma, em caso de perturbação na balança de pagamentos ou nas contas externas de uma sub-região da zona do franco, como dificuldades em honrar as suas obrigações em moeda estrangeira para importações, o Tesouro francês intervém fornecendo os fundos necessários em euros para liquidar as transações .

Este mecanismo de garantia de conversão ilimitada do Tesouro francês garante estabilidade financeira e fluidez no comércio para os países da zona do franco. Desse modo, ao oferecer a possibilidade de converter as suas moedas locais em euros sem restrições, os Estados-Membros podem garantir a continuidade das suas transações internacionais e manter a confiança dos parceiros comerciais e dos investidores. Assim, esta garantia de liquidez fornecida pelo Tesouro francês desempenha um papel essencial na preservação da credibilidade financeira dos países da zona do franco e contribui para a proteção contra choques econômicos externos.

Todavia, esta garantia de conversão ilimitada também pode levantar questões sobre a dependência econômica dos países da zona do franco em relação ao Tesouro francês e à França. Embora esta garantia de liquidez seja concebida para garantir a estabilidade e a

fluidez das transacções, poderia potencialmente fortalecer os laços econômicos assimétricos entre a França e os países da zona do franco, destacando assim os desafios da soberania econômica e os riscos da relação entre a ex-potência colonial e as suas antigas colônias africanas. Esta dinâmica complexa entre garantia de conversão, estabilidade financeira e dependência econômica exige uma análise aprofundada das implicações destes mecanismos para os atores econômicos e para o desenvolvimento econômico dos países da zona do franco.

Em segundo lugar, a paridade fixa entre o Franco CFA e o euro é um aspecto central do sistema monetário da zona do franco, proporcionando estabilidade nas trocas comerciais e financeiras. Conforme a PIGEAUD e NDONGO SAMBA, esta paridade fixa garante que o valor dos bens e transações em francos CFA em relação ao euro permanece constante e não flutua diariamente. Desta maneira, o acordo cambial francês, estabelecido em 1948 e revisto em 1994, lançou as bases para a paridade fixa entre o franco CFA e o euro. Posteriormente, em 1999 com a introdução do euro, o franco CFA passou a ser indexado ao euro, e desde então, 1 euro passou a ser equivalente a 655,957 francos CFA e 491,968 francos comorianos.<sup>18</sup> A tabela abaixo apresenta o histórico da paridade de 1945 a 1999.

**Zona franco: As paridades**

<b>Ano</b>	<b>Evento</b>	<b>Paridade</b>
<b>1945</b>	<b>Paridade inicial</b>	<b>1 FCFA = 1,7 FRF ou 1 FRF = 0,588 FCFA</b>
<b>1948</b>	<b>Primeira mudança de paridade</b>	<b>1 FCFA = 2 FRF ou 1 FRF = 0,5 FCFA</b>
<b>1960</b>	<b>Introdução de novo francês</b>	<b>1 FCFA = 0,02 FRF ou 1 FRF = 50 FCFA</b>
<b>1979</b>	<b>Assinatura do acordo de cooperação monetária entre a França e a União dos Comores</b>	<b>1 KMF = 0,02 FRF ou 1 FRF = 50 KMF</b>
<b>1994</b>	<b>Desvalorização de 50 % dos dois francos CFA e de 33 % do franco comoriano</b>	<b>1 FCFA = 0,01 FRF ou 1 FRF = 100 FCFA / 1 KMF = 0,01333 FRF ou 1 FRF = 75 KMF</b>
<b>1999</b>	<b>Transição do franco francês para o euro: paridades atualmente em vigor</b>	<b>1 euro = 655,957 FCFA et 1 euro = 491,968 KMF</b>

A estabilidade da paridade entre o franco CFA e o euro proporciona aos intervenientes econômicos uma previsibilidade essencial para as suas operações e investimentos. No entanto, esta taxa de câmbio fixa pode colocar desafios em caso de

<sup>18</sup> PIGEAUD, Fanny; NDONGO SAMBA, Sylla. A arma invisível da França África. Uma história do franco CFA. Paris: La découverte. 2018. p.38-39

necessidades de ajustamento interno nos países da zona do franco, destacando a necessidade de um equilíbrio entre a estabilidade da paridade e a flexibilidade necessária para uma gestão econômica eficaz. A evolução histórica da paridade do franco CFA, desde a sua criação até à sua ancoragem ao euro, reflete a importância crucial da estabilização monetária nas relações econômicas entre a França e os países da zona do franco.

Em terceiro lugar, o princípio da livre transferência no contexto do Franco CFA estabelece a liberdade de transações correntes e movimentos de capitais entre os países da zona do franco e a França. Assim sendo, segundo PIGEAUD e NDONGO SAMBA, esta liberdade de transferência abrange diversas operações, como o pagamento de importações e exportações, a repatriação de lucros e dividendos, remessas de trabalhadores expatriados e movimentos de capitais, como a compra de títulos ou investimentos financeiros. Esta liberalização das transferências de fundos visa promover as trocas econômicas e financeiras entre os países da zona do franco, bem como entre estes países e a França, eliminando as restrições cambiais que poderiam dificultar estas transações.<sup>19</sup>

Contudo, apesar desta aparente liberdade de transferências, alguns críticos argumentam que esta abertura não beneficia igualmente todos os intervenientes econômicos na zona do franco. Na verdade, a questão da equidade nos lucros das transações internacionais realizadas através do franco CFA é frequentemente levantada. De fato, a concentração do poder financeiro e comercial em certas elites políticas e econômicas, tanto em França como em África, pode levar a desigualdades na distribuição dos benefícios das remessas. Ademais, alguns questionam a transparência e a equidade dos acordos financeiros ligados aos movimentos de capitais e às trocas comerciais entre a França e os países da zona do franco, destacando assim as questões de justiça econômica e governação neste sistema monetário.

Esta dinâmica complexa em torno da livre transferência no contexto do franco CFA enfatiza os desafios das relações econômicas assimétricas que persistem entre a França e os países da zona do franco. Dessa sorte, a questão da justiça, da transparência e da redistribuição dos benefícios econômicos associados às transações financeiras e comerciais permanece no centro dos debates em torno do funcionamento do franco CFA e sublinha a importância crítica de garantir uma distribuição justa e equitativa dos benefícios econômicos resultantes transferências de fundos dentro da zona do franco e entre a França e os países africanos.

---

<sup>19</sup> PIGEAUD, Fanny; NDONGO SAMBA, Sylla. *A arma invisível da FrançAfrique. Uma história do franco CFA*. Paris: La découverte. 2018. p. 39.

No quarto lugar, o princípio da centralização das reservas cambiais, que se baseia no depósito de parte dos ativos externos do BEAC e do BCC em França junto do Tesouro francês, constitui um elemento chave no funcionamento do sistema monetário da Zona Franco. Como ressaltaram PIGEAUD e NDONGO SAMBA, este mecanismo implica que os bancos centrais dos países da zona do franco depositem uma parte das suas reservas cambiais na França, inicialmente todas estas reservas com exceção dos montantes necessários para despesas correntes, reservas de ouro e compromissos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) após a independência. Posteriormente, esta percentagem foi gradualmente reduzida para 65% em 1970, depois para 50% em 2005 para o BCEAO e em 2007 para o BEAC.

A centralização das reservas cambiais no Tesouro francês permite aos bancos centrais dos países da zona do franco beneficiar da segurança e estabilidade oferecidas pela garantia de conversibilidade ilimitada concedida pelo Tesouro francês. Na verdade, este mecanismo reforça a confiança nos sistemas financeiros dos países da zona do franco, assegurando a liquidez necessária para garantir a convertibilidade da sua moeda em todas as circunstâncias. Além disso, esta centralização parcial das reservas cambiais oferece aos bancos centrais a possibilidade de investirem a outra metade dos seus ativos externos noutra local, como a abertura de contas em bancos fora da zona euro, oferecendo assim uma certa diversificação das aplicações financeiras e uma melhoria na gestão de reservas cambiais.<sup>20</sup>

Entretanto, este sistema de centralização das reservas cambiais pode levantar questões sobre a autonomia financeira dos países da zona do franco face ao Tesouro francês e à França. Embora este mecanismo ofereça vantagens em termos de liquidez e segurança dos ativos externos, também levanta questões de soberania econômica e dependência financeira de França. A centralização das reservas cambiais no Tesouro francês faz, portanto, parte dos complexos mecanismos financeiros da zona do franco que requerem uma análise aprofundada das implicações em termos de gestão de risco, transparência e equidade para os países membros da zona do franco.

É importante sublinhar que, em Dezembro de 2019, a UEMOA, realizou uma reforma de sua cooperação monetária com a França, substituindo assim os acordos de 1973, com o propósito de restringir a atuação da França no funcionamento do XOF e a criação de uma nova moeda, o Eco. Desse modo, as mudanças foram: A substituição do XOF para o “ECO” — não foi realizado no final; a supressão da conta de operações, e, por conseguinte a não obrigação de centralização de reservas cambiais no Tesouro Francês; a atuação da França

---

<sup>20</sup> PIGEAUD, Fanny; NDONGO SAMBA, Sylla. *A arma invisível da França-frique. Uma história do franco CFA*. Paris: La découverte. 2018. p. 40.

apenas como um fiador financeiro; e a retirada dos representantes da França nas instituições de governança e de na administração da zona monetária da UEMOA. Além do mais, é primordial evidenciar que esse acordo de cooperação para ter efeito foi obrigado a passar para a aprovação da Assembleia Nacional Francesa em Dezembro de 2020 e em seguida pelo Senado em Janeiro de 2021, via a lei n° 2021-108 do 3 de Fevereiro de 2021 que oficializou tudo.<sup>21</sup>

É importante explicar em que consiste as contas de operações. Ao abordar a origem da conta de operação, Michel Lelart destaca que essa conta, classificada na categoria de “contas especiais” do Tesouro francês, foi criada durante a época colonial, a fim de simplificar as transações monetárias entre as colônias e a metrópole, garantido paridade fixa e a livre transferência. (LELART, 1996, apud PIGEAUD e NDONGO SAMBA, 2018, p. 41).

A BEAC e o BCC possuem uma conta de operações respectiva aberta nos livros do Tesouro francês. Após a centralização das reservas cambiais dessas duas zonas monetárias nos seus Bancos Centrais respectivos, os quais são obrigados a depositar 50% dessas reservas no Tesouro Francês como contrapartida da garantia de convertibilidade ilimitada do franco CFA e franco comoriano em euros.<sup>22</sup>No que tange ao BCEAO, graças às reformas dos acordos monetários entre a UEMOA e a França de 2019, a sua conta de operações nos livros do Tesouro Francês não existe mais.

### **2.3. Análise de Vantagens e desvantagens do franco CFA: Impactos na Zona do Franco e na França**

A política monetária ligada ao Franco CFA tem gerado intensos debates devido às suas implicações neocoloniais que limitam a soberania econômica dos países da zona do franco. Historicamente ancorados à França, esses países encontram-se numa situação de dependência econômica acentuada pela paridade fixa com o euro. Esta fixação monetária restringe a sua capacidade de ajustar a sua política econômica para satisfazer as necessidades específicas do seu próprio desenvolvimento. Além disso, a falta de flexibilidade monetária devido a esta paridade fixa pode levar a distorções econômicas e comprometer a

---

<sup>21</sup> Ministério da Economia, Finanças e Soberania Industrial e Digital. 2021. O acordo de cooperação monetária entre a França e a UEMOA aprovado pelo Senado. [L'accord de coopération monétaire entre la France et l'UEMOA approuvé au Sénat | Direction générale du Trésor \(economie.gouv.fr\)](#)

<sup>22</sup> Bruno Tinel. O Funcionamento das Contas de Operações e Seu Papel nas Relações entre a França e os Países Africanos.2016. p.7.

competitividade dos países nos mercados internacionais. A decisão de política monetária do Banco de França para os países da zona franco limita a sua autonomia, reforçando assim a percepção da influência persistente da antiga potência colonial. Portanto, esta situação perpetua os laços neocoloniais e levanta preocupações sobre a transparência dos acordos financeiros entre a França e os países da zona do franco.

Estes aspectos combinados sublinham o desafio que a política monetária do franco CFA representa para a soberania econômica e o desenvolvimento autônomo dos países da zona do franco, realçando a complexidade da relação entre a França e as suas ex-colônias na África. Esta situação levanta questões essenciais sobre a necessidade de examinar mais de perto as implicações socioeconômicas e políticas da política monetária ligada ao franco CFA, com vista a uma possível reforma destinada a garantir maior autonomia e soberania financeira aos países da zona do franco.

Com efeito, destacando as vantagens e as desvantagens encontradas em relação aos países da zona franco que utilizam o franco CFA, notamos que uma certa estabilidade monetária é assegurada graças à paridade fixa com o euro, facilitando o comércio e reduzindo os riscos cambiais. Além disso, a famosa conversibilidade garantida do Franco CFA oferece aos países da zona franco acesso aos mercados financeiros internacionais, fortalecendo a sua credibilidade financeira. No entanto, estas vantagens são compensadas por uma dependência da política monetária francesa, o que limita a sua autonomia econômica. Ademais, a paridade fixa com o euro também restringe a sua capacidade de ajustar a sua política fiscal de acordo com as suas necessidades específicas, o que pode levar a restrições à sua competitividade econômica e perpetuar relações neocoloniais prejudiciais.

No que toca às vantagens para a França dessa política neocolonialista, a política ligada ao franco CFA confere-lhe diversas vantagens estratégicas e econômicas. Em primeiro lugar, ao manter uma forte influência na política monetária dos países da zona do franco, a França garante a estabilidade financeira na região, o que favorece os seus interesses comerciais e econômicos na África. Em segundo lugar, a manutenção do franco CFA fortalece a influência política da França na África, consolidando as suas relações históricas com as suas antigas colônias. Além do mais, a paridade fixa promove o comércio entre a França e os países da zona do franco, oferecendo à França um acesso privilegiado a estes mercados. Desta maneira, estas vantagens combinadas fortalecem a posição econômica e política da França na África e ilustram os benefícios que retira desta relação monetária.

### 3 A DESVALORIZAÇÃO DO FRANCO CFA E SUA TRANSIÇÃO PARA O EURO

#### 3.1. Efeitos da Desvalorização nas Economias da Zona do Franco: Análise das Consequências Econômicas

Segundo Nubukpo<sup>23</sup>, que aborda a desvalorização do franco cfa, no documentário sobre a história do franco cfa, ele afirma que antes da desvalorização do franco CFA, teve o denominado “ajustamento real” que não foi efetivo, da mesma forma que foi por mais de 3 décadas na Grécia. Pois, o fundamento do “ajustamento real” se baseia sobre a redução das despesas públicas, no entanto, existe uma ligação entre as despesas públicas e o crescimento econômico. Portanto, ao diminuir as despesas, o crescimento se reduz também, e, conseqüentemente, as receitas fiscais. (Uma história do Franco CFA, 2023).

Os problemas de ajustamento cultural, permitiu ao governo a redução drástica dos orçamentos sociais. Conseqüentemente, as despesas necessárias para o desenvolvimento da educação, da saúde eram insuficientes. Isso reduziu os deveres soberanos do Estado.

As medidas tomadas para regularizar essas situações foram inefetivas, por conseguinte, ocorreu, pela primeira vez, a negativa dos saldos nas contas de operações. Diante disso, houve o cumprimento de garantia para Paris e logo depois congelou o sistema e pressionou pela desvalorização. Sob essa pressão, os países da zona CFA desvalorizaram, resultando numa mudança significativa: 1 franco francês, anteriormente negociado a 50 francos CFA, passou a valer 100 francos CFA.

Os primeiros efeitos dessa desvalorização surgiram no mercado de alimentos básicos, devido à inflação, dificultando o dia a dia dos habitantes que viveram isso sem aumento salarial conseqüente. No que tange ao lado Francês, essa desvalorização era premeditada, entretanto, dado ao aspecto político, era essencial legitimar essa medida de desvalorização. Portanto, é por esse motivo que sem dizer nada, eles convocaram uma cimeira da Air África, em outras palavras, a desvalorização só foi possível devido à influência do presidente francês do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus.

Foi o gatilho que despertou as consciências dos países da zona CFA sobre a ausência de soberania em relação à sua política monetária, pois não eram atores da decisão da desvalorização da moeda deles, foram o FMI, a França, o Banco Mundial, entre outros.

---

<sup>23</sup> Kako Nubukpo (1968) : Político e macroeconomista Togolês.

Consequentemente, com a desvalorização, as últimas barreiras em quase a totalidade dos países na medida de acompanhamento da desvalorização, para a liberalização das economias, a privatização das empresas etc, continuaram.<sup>24</sup>

### **3.2. As Consequências do Atrelamento do Franco CFA ao Euro após a Substituição do Franco francês na zona do Franco: Uma Análise Aprofundada dos Novos Desafios Econômicos**

Em Janeiro de 1994, o franco CFA sofreu uma desvalorização que supostamente restauraria a competitividade dos países da zona do franco. Oito anos depois, em 2002, a introdução do euro resultou na indexação do franco CFA a moeda europeia, com 1 euro equivalente a 655 francos CFA. Enquanto os europeus escolheram a adopção do euro por referendo, os africanos perceberam este desenvolvimento como uma decisão imposta pela União Europeia contra a França. Esta escolha de um regime monetário e a convertibilidade da moeda levantaram, portanto, questões sobre liberdades e decisões políticas.

Com o tempo, foram notadas inconsistências nas ações tomadas. Apesar de uma desvalorização em 1994, os ganhos de competitividade foram anulados com a adesão ao euro em 2000. Esta esquizofrenia de medidas sublinha a ausência de uma estratégia coerente ao longo do tempo. Parece que a lógica da zona do franco responde mais aos imperativos políticos do que à racionalidade económica, dando assim prioridade ao desejo do governo francês de controlar a política monetária.

A zona do franco está sob dupla supervisão, tanto francesa, através do Tesouro, como europeia. A adopção do euro, mantida pela paridade fixa com o franco CFA, não alterou a base nem o funcionamento do sistema CFA. Os bancos centrais dos países da zona do franco continuam a depositar parte das suas reservas cambiais no Tesouro francês, garantindo a garantia do franco CFA por parte de Paris. Assim, embora o franco francês tenha desaparecido, o franco CFA inicia uma nova fase, agora apoiada pela Europa graças à França, ampliando as vantagens concedidas aos seus parceiros europeus.

Este desenvolvimento complexo levanta questões sobre a orientação política e económica da zona do franco, destacando as tensões entre os imperativos políticos, o desejo de controlo e as exigências da racionalidade económica. A consolidação da supervisão francesa e europeia sobre o franco CFA destaca as questões de soberania e independência económica dos países da zona do franco, colocando assim desafios à natureza e coerência das decisões sobre questões monetárias na região. (Uma História do Franco CFA, 2023)

---

<sup>24</sup> Uma historia do Franco CFA, 2023

## 4 TERMO DO FRANCO CFA

### 4.1. Razões de questionamentos

As razões de questionamentos do franco CFA surgiram logo após a conquista das independências dos países concernentes. Efetivamente, como já mencionamos anteriormente, essa contestação já ocorreu no domínio político, envolvendo Presidentes de Estados querendo acabar com essa moeda, mas também houve uma contestação no domínio da literatura a partir de obras denunciando o neocolonialismo vivido para os Estados agora soberanos, que portanto, deveriam normalmente ser livrados da tutela econômica Francesa.

Touré<sup>25</sup>, durante seu discurso no segundo congresso dos escritores e artistas negros, em 1959, vinculou a mensagem segundo a qual o fundamento da luta pela emancipação da África deve ser atos de solidariedade entre os povos no terreno, não grandes discursos desprovidos de ação. (TOURÉ, 1959 apud FANON, 1961).

Na mesma lógica, Fanon<sup>26</sup> argumentou que cabe a cada geração assumir essa missão deixada pelas gerações anteriores que participaram ativamente para retomar essa liberdade arrancada. Além disso, essa aparência de liberdade que os Africanos desfrutam é apenas o fruto de revoltas com obstinação lideradas por seus ancestrais. Portanto, para se emancipar, cabe à geração que assume essa missão de reavivar essas revoltas. O autor partiu de uma análise do problema primordial: a reclamação de uma nação como direito. Na verdade, vemos que estratégias econômicas desenvolvidas pelo colonialismo sempre funcionam como um freio ao despertar da consciência nacional. Com efeito, o objetivo da França é lucrar, independentemente dos truques implantados para provar o contrário. Fingir a preocupação econômica de seu império colonial enquanto seu próprio povo enfrenta dificuldades econômicas é uma prova viva disso.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Ahmed Sékou Touré (1922-1984): Primeiro Presidente da República da Guiné

<sup>26</sup> Frantz Fanon (1925-1961): era um psiquiatra, filósofo, escritor e militante martinicano, figura proeminente do anti neocolonialismo. Famoso autor das obras “Pele negra, Máscaras Brancas” e “Os Condenados da Terra”. Suas análises criticam ainda hoje em dia permanecem a exercer influência sobre o pensamento pós-colonial e a resistência contra a opressão.

<sup>27</sup> FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de fora-MG: UFJF, 2005. p.239-241. (“IV - Sobre a cultura nacional”).

Olympio, era determinado na sua decisão de emancipação econômica, tão bem que já estava preparado para tudo. Tété-Adjalogo<sup>28</sup> afirma que o Olympio buscava um superávit<sup>29</sup> orçamentário e uma acumulação de reservas como preliminares para sair da zona franco. Após o fracasso das negociações relativo a essa questão por causa da recusa categórica das autoridades francesas sobre a criação de uma moeda nacional togolesa, ele tinha conseguido o apoio dos Alemães, Ingleses e Americanos que aceitaram as demandas do governo togolês e alocaram os recursos para apoiar a implementação do projeto de criação de uma moeda nacional para o Togo. Desta maneira, foi com base nesse sucesso que ele decidiu promulgar a lei nº 62-20 do 12 de Dezembro de 1962. O autor acrescenta que o uso de uma lei ao invés de um decreto teve como objetivo consolidar a legitimidade e a credibilidade da criação dessa moeda nos níveis nacional e internacional (TÉTÉ-ADJALOGO, 2017, p.4).

Olympio, no dia 26 de Outubro de 1962, durante o seu discurso transmitido pelo rádio se exprimava com confiança e determinação<sup>30</sup>, abordou temas cruciais para a sua nação. Até hoje, suas palavras ressoam, especialmente quando afirmou:

A participação do Togo, no âmbito de sua adesão aos quatro organismos mencionados, totaliza 6,7 bilhões de francos CFA. Pagamos 330 milhões em moedas estrangeiras. O restante está comprometido na forma de obrigações para o governo. Estou feliz em anunciar que o Togo adquiriu, mais do que nunca, uma posição internacional destacada por sua adesão a essas quatro organizações que nos ajudarão não apenas a financiar nosso desenvolvimento econômico, mas também a apoiar a estabilidade e a força de nossa moeda nacional, permitindo-nos aumentar nossa própria contribuição para o desenvolvimento. Já estamos concentrando esforços para racionalizar a alocação de nossos recursos financeiros, visando cada vez mais um orçamento de investimento. O banco central virá apoiar essa orientação, permitindo-nos melhor sustentar os objetivos econômicos nacionais. (OLYMPIO, 1962, Rádio).<sup>31</sup>

Essa declaração marcante evidenciou que todos os dispositivos já estavam em prontidão para realizar essa missão com êxito, porém, foi interrompido para seu assassinato.

<sup>28</sup> Tétévi Godwin Tété-Adjalogo (1928) : Escritor e historiador Togolês.

<sup>29</sup> É uma situação financeira que ocorre quando mais dinheiro está sendo arrecadado do que gasto, em outras palavras, é quando tem um excesso de receitas em comparação com as despesas em um orçamento.

<sup>30</sup> TÉTÉVI GODWIN, Tété-Adjalogo. O franco CFA e o assassinato de Sylvanus Olympio. Coletivo pela Verdade das Urnas - Togo - Diáspora, 2017. Disponível em:

<https://cvu-togo-diaspora.org/2017/01/19/le-franc-cfa-et-lassassinat-de-sylvanus-olympio/11504#note-11504-2>

<sup>31</sup> *“La participation du Togo au titre de son adhésion aux quatre organismes précités s’élève à 6,7 milliards de francs CFA. Nous en avons payé 330 millions en devises fortes. Le reste étant engagé sous forme d’obligations au gouvernement. Je suis heureux de vous annoncer que le Togo a acquis mieux que jamais un standing international par son adhésion à ces quatre organisations qui nous aideront non seulement à financer notre développement économique, mais aussi à soutenir la stabilité et la force de notre monnaie nationale, ce qui nous permettra d’augmenter notre propre contribution à notre développement. Déjà, nous concentrons nos efforts pour rationaliser l’allocation de nos ressources financières, dans le but de dégager de plus en plus un budget d’équipement. La banque nationale d’émission viendra appuyer cette orientation en nous permettant de mieux soutenir les objectifs économiques nationaux.”*

Na mesma lógica, Modibo Keita<sup>32</sup>, com o uso do franco maliano sofreu inflação galopante e em seguida foi derrotado em 1968 por um golpe de Estado liderado pelo coronel Moussa Traoré, ex-legionário da França. Posteriormente, em 1984 reintegrou a zona franco por causa da inflação importante.

Além do mais, em sua luta contra o neocolonialismo, o presidente Thomas Sankara de Burkina Faso, de 1983 a 1987, distinguiu-se como um visionário ao liderar uma revolução popular em direção à autonomia política e econômica de seu país. Assim, ele tomou medidas drásticas ao se recusar a pagar a chamada "dívida colonial" e encorajar outras nações africanas a seguirem o exemplo. Recusando-se a aceitar as condições impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial, Sankara defendeu a soberania de seu país e se opôs a qualquer forma de dominação estrangeira, incluindo a da França, a ponto de perder a vida em um golpe de Estado orquestrado por seu aliado próximo, Blaise Compaoré, em 15 de outubro de 1987. Posteriormente, sob o reinado de Blaise Compaoré, o Burkina Faso se reconectou com a França.<sup>33</sup> Isso destaca as questões complexas e as lutas internas pela independência e soberania das nações africanas.

Ao mencionar essas figuras políticas que se rebelaram e escritores que contestaram essa tutela, podemos observar que líderes políticos acabaram por ser eliminados por vontade de emancipação econômica e em todos os outros aspectos.

As revoltas não se limitam apenas a estes últimos, ativistas dessa década também expressam seus descontentamentos através de protestos que às vezes terminam com a implicação da polícia. Por um outro lado, esse mecanismo e essa história não são conhecidos por todos, ainda hoje, muitas pessoas não sabem o que é e o que representa o franco CFA. Contudo, quando elas se tornam cientes, se juntam à recusa dessa política neocolonialista e manifestam do jeito deles, seja compartilhando ao redor deles, seja buscando mais informações, seja protestando ou ainda outras possibilidades inerentes ao que cada um se disponibiliza a fazer. De qualquer maneira, a ideia principal é que isso seja conhecido.

#### **4.2. Uma saída do Franco CFA economicamente viável**

---

<sup>32</sup> Modibo Keita (1915-1977): Primeiro Presidente do Mali.

<sup>33</sup> Thomas Sankara : le leader qui incommode.Perspective Monde. Disponível em: <<https://perspective.usherbrooke.ca/>>. Acesso: Acesso em: 30/06/2022

A saída do franco CFA, digamos que é possível sob certas condições, considerando o histórico que já abordamos no que tange a aqueles que já o fizeram ou tentaram o fazer. Todavia, o que é realmente desejado não se limita apenas à saída da zona franco. Isto é, seguir o exemplo de Sylvanus Olympio nas preliminares para o alcance da emancipação econômica é o caminho certo. Desta maneira, a moeda em questão poderá ter uma influência significativa nas transações internacionais, ou seja, a ideia seria que essa moeda poderia se tornar uma moeda influente ou amplamente utilizada no contexto das trocas e transações comerciais em escala internacional.

De fato, a criação de uma moeda própria por qualquer país pode ser realizada, mas não há garantia nenhuma que terá importância global. A título ilustrativo, podemos tomar o caso da Guiné, ela tem sua própria moeda, mas devido à instabilidade e fraqueza de sua economia, sua moeda é às vezes ridicularizada. Por outro lado, podemos tomar o caso da Coreia do Sul, como a 12ª maior economia do mundo, ela tem sua moeda, o Won Sul-Coreano, com um peso significativo. De fato, 1000 franco CFA (XOF) é equivalente a 2206 Won (KRW), enquanto nenhum país na zona da CEDEAO, CEMAC possui uma economia melhor do que a da Coreia do Sul. Em suma, se trata de um assunto delicado.

Em Dezembro de 2019, a UEMOA substituiu o antigo acordo econômico com a França de 1973 por um novo. Assim sendo, esse novo acordo trouxe a supressão da sua conta de operações, da obrigação de depósito de 50% de suas reservas cambiais e da retirada dos representantes da França nas instituições financeiras, para que o papel da França se restrinja apenas ao de garantidor financeira, continuando a assumir a garantia de conversibilidade ilimitada do franco CFA em euros e as paridades fixas. Ademais, a UEMOA manifestou também neste famoso novo acordo a vontade de alterar o nome de franco CFA para Eco, isso devia acontecer em 2020, mas nunca foi. (Acordo de cooperação entre os Estados Membros da União Monetária da África Ocidental e o governo da República Francesa, 2019)

No entanto, a iniciativa foi um passo, podemos observar que a UEMOA tenta de maneira progressiva retomar a gerência de sua política monetária e talvez num futuro próximo conseguirá mais avanços. Todavia, por enquanto, não é suficiente.

A implicação do direito na política neocolonialista da zona franco, se baseia no fato de todos os países desta zona estarem independentes há décadas, mas não podendo desfrutar plenamente da sua soberania, enfrentando limitações causadas por dependência econômica.

O exame das implicações jurídicas do neocolonialismo ligado ao franco CFA revela uma profunda complexidade nas relações econômicas e políticas entre a França e os países da zona do franco, colocando grandes desafios em termos de soberania e desenvolvimento

econômico para os Estados em causa. Assim, a dependência econômica que surge desta relação monetária levanta questões cruciais sobre a autonomia dos países da zona do franco e a sua capacidade de exercer plenamente os seus direitos soberanos, particularmente em termos de política monetária e fiscal.

A paridade fixa do Franco CFA com o euro cria uma dependência dos países da zona franco com relação ao Banco de França para a definição da sua política monetária, limitando assim a sua soberania e a sua capacidade de tomar decisões econômicas independentes. Com efeito, esta situação levanta questões jurídicas sobre a noção fundamental de autodeterminação econômica, afirmada pelo direito internacional, e destaca os desafios enfrentados pelos países da zona franco para garantir um exercício real dos seus direitos econômicos soberanos. Além disso, a manutenção do franco CFA na sua forma atual mantém relações econômicas desequilibradas herdadas do período colonial, destacando aspectos neocoloniais persistentes nas relações econômicas entre a França e os países da zona franco. Desta maneira, esta perpetuação de laços econômicos desiguais levanta questões importantes em termos de justiça econômica e equidade, destacando as questões jurídicas que rodeiam a noção de neocolonialismo e as suas implicações nos direitos econômicos dos Estados Africanos na zona franco.

Para além dos aspectos econômicos, o neocolonialismo através do franco CFA levanta preocupações jurídicas mais amplas em termos de direitos humanos e soberania nacional. A capacidade dos Estados da zona franco para garantir o bem-estar econômico e social das suas populações está diretamente ligada à sua autonomia econômica e à sua capacidade de desenvolver políticas econômicas que satisfaçam as suas necessidades nacionais. Assim, o debate sobre o franco CFA insere-se num quadro jurídico complexo onde as questões de soberania, direitos econômicos e relações internacionais se cruzam, levantando questões profundas sobre o respeito pelos direitos dos Estados Africanos e as responsabilidades decorrentes das relações resultantes da colonização.

Em suma, a análise das implicações jurídicas do neocolonialismo através do franco CFA destaca as questões fundamentais da soberania, da autonomia econômica e da justiça econômica, destacando a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre os mecanismos econômicos e jurídicos que regem as relações entre a França e os países da zona do franco. Efetivamente, esta questão complexa levanta grandes desafios no direito internacional, nos direitos econômicos e na soberania nacional, apelando a uma reflexão crítica sobre os quadros jurídicos e institucionais que regem as relações econômicas desiguais entre as antigas potências coloniais e os Estados Africanos pós-coloniais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo explorar as controvérsias jurídicas, sociais e políticas em cerca do papel da moeda franco CFA herdada na era colonial nas relações pós-coloniais. O exame aprofundado das implicações do neocolonialismo através do Franco CFA levanta questões jurídicas, sociais e políticas cruciais que questionam os fundamentos das relações econômicas entre a França e os países da zona franco. Ao nível jurídico, a dependência econômica resultante da paridade fixa do franco CFA com o euro põe em causa a soberania dos países da zona franco e levanta desafios em termos de autonomia econômica e do direito à autodeterminação. As questões jurídicas que rodeiam a relação monetária França-África realçam a necessidade de uma reflexão crítica sobre as normas e princípios do direito internacional que regem as relações econômicas desiguais entre antigas potências coloniais e Estados pós-coloniais.

Ao nível social, o debate em torno do franco CFA revela tensões profundas em termos de justiça econômica e do direito à soberania efectiva. De fato, as persistentes desigualdades econômicas herdadas da era colonial alimentam os protestos sociais e reforçam a necessidade de repensar os modelos econômicos e monetários existentes. Assim sendo, as controvérsias sociais levantadas pela questão do Franco CFA refletem as tensões mais amplas em torno dos legados coloniais e das desigualdades econômicas que marcam as relações entre a França e os países Africanos da zona do franco.

Finalmente, ao nível político, as questões em torno do franco CFA revelam as lutas pela soberania e emancipação econômica dos Estados Africanos, bem como os desafios colocados pelas históricas relações de poder entre a França e as suas antigas colônias. Dessa forma, as controvérsias políticas a respeito do franco CFA evidenciam as questões de representação, governação e responsabilidade dos Estados na gestão dos seus assuntos econômicos. Portanto, o questionamento das relações neocoloniais através do franco CFA enfatiza a necessidade de um diálogo político aprofundado e de uma reforma institucional para garantir uma verdadeira autonomia econômica e política aos Estados da zona do franco.

Em resumo, o estudo das implicações do neocolonialismo através do Franco CFA revela os múltiplos desafios que os países da zona do franco enfrentam, bem como as questões fundamentais de soberania, justiça econômica e representatividade política. Consequentemente, as controvérsias jurídicas, sociais e políticas suscitadas pelo debate sobre o Franco CFA apelam à reflexão crítica e a ações concretas para garantir maior justiça e maior

autonomia nas relações econômicas internacionais. Esta questão complexa questiona os próprios fundamentos da cooperação econômica Franco-Africana e sublinha a importância de uma abordagem inclusiva, justa e equilibrada para o futuro das relações econômicas entre a França e os países da zona do franco.

Com efeito, pensamos que a existência de uma tal política neocolonialista ainda hoje em dia, décadas depois da independência desses países representa freios em relação à emancipação total deles. Por conseguinte, a gestão da política monetária é inerente à soberania de cada país, então, para ter essa emancipação total de efeito, é preciso que esta última esteja sob o controle do país concernente. Essa meta, como vimos anteriormente, já foi a caminho certo de ser alcançada, mas foi interrompida de maneira abrupta, seja por assassinato, coerção ou a qualquer custo para justamente impedir que seja realizado com sucesso. Deixando assim, essas zonas monetárias na sombra de um passado de exploração que simplesmente deseja ser extinto.

Essa chama de procura de saída desse sistema não foi extinta, ela foi revivida pela nova geração que protestou e continua protestando de sua maneira contra essa política por meio de manifestações, até a queimação de nota dessa moeda, o que resultou em consequências jurídicas, nesse caso a prisão. Outrossim, temos que considerar também o fato da necessidade primordial de uma saída do franco CFA economicamente viável como já mencionamos anteriormente. Pois, esse caminho seria um parâmetro importante, sendo o mais importante a fim de evitar um fracasso. Elogiamos as reformas feitas, representa um avanço de uma certa forma, contudo não são suficientes. De fato, se tratando de uma questão política, é dever dos dirigentes de conseguir essa saída total dessa política, retomando as iniciativas tomadas pelos seus homólogos que não conseguiram por motivos alheios à vontade deles.

Quando se trata do franco CFA, muitas vezes é feito através de um prisma econômico. Nesta pesquisa, quisemos destacar todas as questões jurídicas que cercam essa moeda, e assim, dar mais substância à análise tradicional. Além disso, embora o assunto tenha estado no centro dos debates públicos nas economias em causa (ou seja, os países da zona do franco e a França), é muito pouco conhecido no resto do mundo. É, portanto, interessante levar este debate para além do Atlântico e mesmo do Pacífico, porque para além de ser uma reminiscência da era colonial, o franco CFA restringe a soberania dos Estados em causa.



v. 15 n. 2 (1995). Disponível em: [Vista do Conseqüências da desvalorização do franco CFA \(fgv.br\)](#). Acesso em: 20/02/2023

Uma História do Franco CFA, Documentário. Disponível em: [Une histoire du Franc CFA - Documentaire - Public Sénat \(publicsenat.fr\)](#)

FRANC CFA, *História e informações*. Disponível em: [Franc CFA | Histoire et informations | BCEAO](#)

O franco CFA, *Campi*. Disponível em: [Le franc CFA \(campi-numis.org\)](#)

BCEAO, *Banco Central dos Estados da África Ocidental*. Disponível em [BCEAO | Banque Centrale des États de l'Afrique de l'Ouest](#)

UMOA, *União Monetária da África Ociidental*. Disponível em: [UMOA | Union Monétaire Ouest Africaine \(bceao.int\)](#)

CEMAC, *CEMAC*. Disponível em: <https://cemac.int/>

Estados Membros, *BCEAO*. Disponível em: [Etats membres | BCEAO](#)

A BEAC, *BEAC*. Disponível em: [La BEAC - BEAC](#)

Banco do Desenvolvimento dos Estados da África Central. Disponível em [Banque de développement des États de l'Afrique centrale — Wikipédia \(wikipedia.org\)](#)

Banco do Desenvolvimento da África Ocidental. Disponível em: [Banque ouest-africaine de développement — Wikipédia \(wikipedia.org\)](#)

Os princípios e modalidades de funcionamento da cooperação monetária, *Direção geral do Tesouro*. Disponível: [Les principes et modalités de fonctionnement de la coopération monétaire | Direction générale du Trésor \(economie.gouv.fr\)](#)

Os acordos de cooperação monetária dos anos 1970, *Direção geral do Tesouro*. Disponível: [Les accords de coopération monétaire des années 1970 | Direction générale du Trésor \(economie.gouv.fr\)](#)

A zona franco, *Direção geral do Tesouro*. Disponível: [La Zone franc | Direction générale du Trésor \(economie.gouv.fr\)](#)

A zona franco de 1939 a hoje em dia, *Direção geral do Tesouro*. Disponível: [La Zone franc de 1939 à aujourd'hui | Direction générale du Trésor \(economie.gouv.fr\)](#)

A convenção da cooperação monetária entre os membros do Banco dos Estados da África Central (BEAC) e a República Francesa, *Direção Geral do Tesouro*. Disponível: [convention France-BEAC \(economie.gouv.fr\)](#)

Convenção que rege a União Monetária da África Central (UMAC), *Direção Geral do Tesouro*. Disponível: [CONVENTION REGISSANT L'UNION MONÉTAIRE DE L'AFRIQUE CENTRALE \(economie.gouv.fr\)](#)

Os Acordos de Cooperação monetária entre a França e a República Federal Islâmica dos Comores, Direção Geral do Tesouro. Disponível: [Accord coop monétaire Fce Comores \(economie.gouv.fr\)](#)

Acordo de Cooperação entre a República Francesa e as Repúblicas membros da União Monetária da África Ocidental, Direção Geral do Tesouro. Disponível: [accord-de-cooperation-france-umoa-1974 \(economie.gouv.fr\)](#)

Decisão do conselho do dia 23 de Novembro de 1998, relativa às questões cambiais relativas ao franco CFA e o franco dos Comores (98/683/CE), Direção Geral do Tesouro. Disponível: [Passage à l'euro -décision du conseil 1998 \(economie.gouv.fr\)](#)

Tratado da União Monetária da África Ocidental, *Direção Geral do Tesouro*. Disponível: [TRAITE CONSTITUANT L'UNION MONETAIRE OUEST AFRICAINE \(economie.gouv.fr\)](#)

Projeto de lei autorizando a aprovação de acordo de cooperação entre o governo da República Francesa e os governos dos Estados membros da União Monetária da África Ocidental, *Direção Geral do Tesouro*. Disponível: [2986-UMAO-doc\\_pastillé\\_publication \(assemblee-nationale.fr\)](#)

Convenção da garantia de entre o Banco Central dos Estados da África Ocidental e da República Francesa, Direção Geral do Tesouro. Disponível: [59508a46-5ef3-40a7-ac7b-fbdf02147108 \(economie.gouv.fr\)](#)

Puy-de-Dôme: por que a reforma do franco CFA corre o risco de afetar a impressora do Banco de França de Chamalières. Disponível: [Puy-de-Dôme : pourquoi la réforme du franc CFA risque d'impacter la Banque de France de Chamalières \(francetvinfo.fr\)](#)

O funcionamento das contas de operações e para que servem nas relações entre a França e os países Africanos. Disponível em: [Le fonctionnement des comptes d'opérations et leur rôle dans les relations entre la France et les pays africains \(hal.science\)](#)

Consequências da desvalorização do franco CFA, *FGV*. Disponível em: [Consequências da desvalorização do franco CFA | Finanças & Desenvolvimento \(fgv.br\)](#)

Acordos de Bretton Woods, *Wikipédia*. Disponível em: [Acordos de Bretton Woods – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

Notas da Africa Equatorial Francesa, *Numizon*. Disponível em: [Les billets de l'Afrique Équatoriale Française - Le catalogue Numizon](#)

Notas da Africa Ocidental Francesa, *Numizon*. Disponível em: [Les billets de l'Afrique Occidentale Française - Le catalogue Numizon](#)

Ministério da Economia, Finanças e Soberania Industrial e Digital. 2021. O acordo de cooperação monetária entre a França e a UEMOA aprovado pelo Senado. [L'accord de coopération monétaire entre la France et l'UEMOA approuvé au Sénat | Direction générale du Trésor \(economie.gouv.fr\)](#)

